

POLÍTICA EXTERNA DA CHINA PARA A ÁSIA-PACÍFICO*

*Jin Dexiang***

A curiosidade acerca da política externa da China para a Ásia-Pacífico vem crescendo rapidamente, conforme o Mundo observa o crescente papel chinês nessa vasta e importante região.

Há uma ansiedade para saber mais sobre em que bases a China formulou sua política para a Ásia-Pacífico? Como a China vê o cenário da Ásia-Pacífico no pós-Guerra Fria? Quais são os principais conteúdos dessa política? E as relações Estados Unidos-China nesse concerto? Como o triângulo Estados Unidos-Japão-China harmoniza a estrutura da Ásia-Pacífico? E as relações com as outras nações da Ásia-Pacífico? Será a ascensão da China uma benção ou, ao contrário, uma ameaça potencial, como afirmam alguns consultores ocidentais tão entusiasticamente? É possível uma nova ordem internacional na Ásia-Pacífico? Como evoluirá? Quais serão as contribuições chinesas? E assim por diante.

Nas passagens seguintes, o autor tentará satisfazer da melhor forma essa curiosidade com sua própria capacidade, enquanto especialista chinês.

* Este artigo inédito foi escrito em 1994 e é aqui traduzido com autorização expressa do autor. Tradução de Eduardo de Moura Mennuzzi, bolsista de Iniciação Científica do CNPq, e revisão técnica do Doutor Paulo G. Fagundes Vizontini, Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e integrante da Missão Acadêmica do Ministério de Relações Exteriores à Ásia-Pacífico em setembro de 1994.

** Vice-Diretor do China Institute of Contemporary International Relations (Beijing), do qual foi um dos fundadores em 1965, e participante do encontro com a Missão Acadêmica do Ministério de Relações Exteriores do Brasil na capital chinesa em setembro de 1994.

As duas principais questões globais

A política externa da China para a Ásia-Pacífico é baseada no conjunto de sua visão mundial. Para uma melhor compreensão da política externa da China em relação a essa vasta região, o pré-requisito é um conhecimento da base sobre a qual essa política vem sendo formulada.

Sob a liderança de Deng Xiaoping, grandes mudanças ocorreram desde 1978 na avaliação chinesa da situação global. Anteriormente, a liderança chinesa acreditava que uma nova guerra mundial era inevitável e iminente. Portanto, um grande número de medidas foi tomado para preparar-se para todas as eventualidades, tal como injetar centenas de milhões de Renminbi Yuan (moeda chinesa)¹ na construção de fábricas de defesa em remotas áreas montanhosas. Depois de considerar todos os desenvolvimentos globais, Deng assumiu o poder com uma nova conclusão: "Aparentemente, existirá um período relativamente longo de paz na situação internacional, um ambiente livre de uma terceira guerra mundial".

Deng dizia que existem duas questões genuinamente principais no mundo atual, questões de significado estratégico global: uma é a paz, e a outra é econômica, ou melhor, o desenvolvimento. Há esperança de paz; a mais séria questão é o desenvolvimento. Atualmente, a realidade é que somente um quarto da população mundial vive em países desenvolvidos; enquanto os outros três quartos vivem em países em desenvolvimento ou, como dizem alguns, países subdesenvolvidos. A situação de alguns países do Terceiro Mundo tem melhorado. Mas, ainda é muito cedo para chamá-los de países desenvolvidos. A maioria dos países do Terceiro Mundo, entretanto, ainda permanece muito pobre. Na sua visão, o desenvolvimento econômico deveria ser a tarefa central para todos países em desenvolvimento, incluindo a China, e o presente ambiente de plena paz deveria ser aproveitado para enfatizar o esforço de desenvolvimento econômico. No que diz respeito aos países desenvolvidos, entre as questões que enfrentam incluem-se: a busca de saídas para seus capitais e mercados para suas mercadorias. A maior de todas essas

¹ Observação do tradutor.

questões é a velocidade do desenvolvimento e o progresso posterior. Somente ajudando os países em desenvolvimento com seu desenvolvimento econômico, será mais fácil para os países ocidentais solucionar seus problemas mencionados acima. Dessa forma, todos os países deveriam dar as mãos na promoção do Diálogo Norte-Sul e da cooperação Sul-Sul para a solução conjunta do problema do desenvolvimento que a humanidade enfrenta.

Essas posições de Deng Xiaoping agora se tornaram consenso para o Governo e o povo chinês. Mesmo o fim da Guerra Fria e o colapso da antiga União Soviética não alteraram a percepção da China das duas principais questões globais. Com as orientações de Deng como linhas-mestras, a China decidiu-se por um rumo político centrado no desenvolvimento econômico e definiu a meta de desenvolvimento em três estágios para transformar a China num país moderadamente desenvolvido por volta da metade do próximo século. A China insistirá nessa linha básica por um século. O objetivo dessa grande decisão política é assegurar suporte à estabilidade e ao progresso no período pós-Deng, através da unificação do pensamento do país.

Sob a direção das orientações de Deng anteriormente mencionadas, a China formulou uma política externa pacífica de manutenção da independência e de conservação da iniciativa em suas próprias mãos. O objetivo básico dessa política é salvaguardar sua independência e sua soberania e promover a paz e o desenvolvimento mundiais. A razão é bastante simples. Sem independência nacional e soberania estatal, sem paz mundial, o desenvolvimento econômico da China seria inconcebível. Para esse propósito, a China está pronta para estabelecer e expandir relações de amizade e cooperação com todos os países do Mundo na base dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica (respeito mútuo à soberania e integridade territorial, não-agressão mútua, não-interferência nos assuntos internos, igualdade e mútuo benefício, e coexistência pacífica).²

A Ásia-Pacífico, uma região próxima, vinculada à China por fortes laços históricos e culturais e estreitamente relacionada com o país em termos econômicos e militares, está naturalmente destinada a tornar-se o foco da China para levar a cabo sua política externa de relações de boa amizade natural, na busca de um ambiente externo pacífico e tranqüilo.

² Observação do tradutor.

Uma região piloto para paz e desenvolvimento

Outro ponto de partida para a política da China da Ásia-Pacífico relaciona-se com a forma como a primeira vê o cenário pós-Guerra Fria nessa vasta região.

Na minha visão pessoal, a Ásia-Pacífico é o único lugar do Mundo, atualmente, que oferece oportunidades promissoras para explorar as possibilidades de implementar soluções para as duas principais questões globais: a paz e o desenvolvimento.

Em completo contraste com a Europa, o fim da confrontação bipolar Leste-Oeste introduziu uma tendência geral de *détente*, uma torrente de normalizações das relações estatais na Ásia-Pacífico. À frente de qualquer parte no Mundo, um cenário multipolar já tomou forma nessa região, onde a situação de interdependência e de mútua limitação entre vários centros de poder exclui a hegemonia por qualquer grande potência individual. Isso presagia a paz em grande parte da região nos anos restantes desta década ou mais além.

Em relação ao desenvolvimento, a Ásia-Pacífico, e a Ásia Oriental em particular, foi a região com crescimento mais rápido no Mundo por anos. A cooperação econômica regional tem florescido, e os interesses econômicos tornaram-se o maior fator de remodelação das relações internacionais da Ásia-Pacífico. Mais importante, ao contrário de ampliar-se, o abismo Norte-Sul tem diminuído em muitas áreas da Ásia Oriental, um fenômeno de grande significado, que exige atenção mundial.

Na outra face da moeda, os fatores restantes de instabilidade nessa vasta região também são, em primeiro lugar, relacionados com problemas econômicos e, na maioria, podem ser transformados em fatores positivos, estabilizando-os mediante cooperação econômica baseada no princípio de igualdade e benefício mútuo.

Nos anos restantes deste século, a economia mundial pode continuar a registrar um baixo crescimento. Sob pressão da inércia econômica e do alto desemprego doméstico, os países ocidentais avançados são obrigados a intensificar seu esforço pelo mercado da Ásia-Pacífico. Enquanto isso, seu protecionismo comercial crescente também pode afetar o dinamismo econômico regional. Além disso, a competição econômica entre os países em desenvolvimento da Ásia-Pacífico pode aumentar. Ademais, disputas territo-

riais, étnicas, religiosas e regionais ainda existem na e entre algumas nações da Ásia-Pacífico. Dadas as instigações ou intervenções externas, essas disputas subjacentes também podem irromper em chamadas.

Contudo a maioria das disputas mencionadas acima pode ser melhorada ou solucionada mediante rápido crescimento econômico e frutífera cooperação econômica. É a experiência comum do rápido crescimento das prósperas economias asiáticas que aproxima diversos grupos e regiões, proporcionando um senso de lucro partilhado. Nos anos 50 e 60, a maioria dos membros da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ANSEA) tinha movimentos separatistas domésticos e sérias reivindicações irredentistas contra seus vizinhos. Entretanto o crescimento sustentável e a cooperação econômica comprometeram ou adjudicaram principalmente as reivindicações irredentistas, ou permitiram-lhes cair em repouso, e a maioria dos movimentos separatistas entrou em colapso. Dessa forma, esforços devem ser feitos pelos países da Ásia-Pacífico para construir uma sólida nova ordem econômica e política internacional na região, com o objetivo de resguardar a paz regional e a estabilidade e de lutar por um desenvolvimento comum mediante cooperação regional.

A política reativa da China

Com base na sua visão mundial das duas principais questões globais, combinada com sua avaliação da Ásia-Pacífico como uma região piloto e ornamentada pela sua necessidade urgente de um favorável ambiente externo pacífico para sua única preocupação de orientar a modernização, a política da China para a Ásia-Pacífico constitui um importante componente no esforço comum de construção de uma nova ordem econômica e política internacional nessa área do Mundo. Os principais conteúdos dessa política podem ser encontrados nas declarações políticas emanadas pelo Governo chinês nos anos recentes. A seguir estão o meu resumo e meus comentários pessoais enquanto especialista chinês.

Expansão das relações de amizade e cooperação com todos os países da Ásia-Pacífico sob a base dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica - realizações gratificantes vêm sendo feitas a esse respeito, e agora é o período no qual a China tem relações melhores com virtualmente todos os

países da região da Ásia-Pacífico. Apesar da desintegração da antiga União Soviética, a China tem aperfeiçoado suas relações com a Federação Russa, em benefício da estabilidade política e da construção econômica de ambos os lados.

A gerência das relações China-Estados Unidos, entretanto, sobressai como um caso particular. Desde o estabelecimento das relações diplomáticas, a China atribui grande importância às relações entre os dois países, cujo significado não é, de modo algum, restrito às relações bilaterais, mas deve ser entendido no contexto da Ásia-Pacífico e mesmo no contexto global. Não há somente grandes potencialidades econômicas para expandir uma relação mutuamente complementar e benéfica, mas também interesses comuns em resguardar a paz e a segurança internacionais e várias outras esferas de atuação. Esses interesses comuns aumentam em alto nível o peso de divisões e contradições decorrentes de diferenças de valores, sistemas sociais, tradição cultural e estágio de desenvolvimento econômico. Relações bilaterais mais estreitas não se ajustam somente aos interesses fundamentais das duas nações, mas também beneficiam a paz e o desenvolvimento da Ásia-Pacífico e até mesmo do Mundo. A China, dessa forma, tem feito o máximo para aperfeiçoar e expandir suas relações com os Estados Unidos na busca de um fim próximo para o estranhamento recente, para o restabelecimento e o fortalecimento dos intercâmbios e cooperação, assim como para colocar as relações bilaterais na esteira de uma nova fase de resolutivo desenvolvimento. A China também confia que a administração norte-americana colocará os interesses fundamentais das duas nações acima de tudo e incrementará as relações China-Estados Unidos sob a base de todos os princípios afirmados nos três comunicados conjuntos sino-americanos, em particular os princípios de respeito mútuo e de não-interferência nos assuntos internos.

Muitos acreditam que as relações triangulares China-Estados Unidos-Japão provocam um importante impacto nos assuntos da Ásia-Pacífico. Na minha opinião, esse triângulo é completamente diferente da natureza do então chamado "triângulo estratégico" Estados Unidos-União Soviética-China do passado. Passaram os dias em que dois vértices do triângulo se uniam contra o terceiro. Uma nova relação trilateral de cooperação deveria ser implementada, pois a relação triangular do pós-Guerra Fria é mais complicada; é uma cooperação mais competitiva e conflituosa do que o afastamento de confrontação. Em termos de sistema social e de ideologia, Washington e Tóquio

partilham características comuns e são pólos separados da China. Porém, quando se abordam as relações econômicas, uma maior competitividade existe entre os dois parceiros transpacificos, posto que uma maior complementaridade existe nas relações econômicas Estados Unidos-China e Japão-China. Apesar da aliança militar Estados Unidos-Japão, permanecem razões comuns para a China proteger-se contra o renascimento do militarismo japonês. Em termos de poder nacional, a América é a única superpotência remanescente, mas a tendência geral indica a diminuição da supremacia dos Estados Unidos. O Japão desempenhará um papel político maior nos assuntos internacionais, e a China irá tornar-se uma grande potência econômica. Atualmente, algumas tensões ocorrem nas relações Estados Unidos-China e Estados Unidos-Japão, já que melhores relações existem entre Japão e China. Essa situação resulta principalmente da prática norte-americana de pressão diplomática para suportar os capitais dos dois países asiáticos. Qualquer confrontação entre o trio, contudo, irá prejudicá-los e até mesmo ocasionar um efeito adverso na Ásia-Pacífico como um todo. Dessa forma, é aconselhável para Washington adotar uma atitude sensível.

Relações comerciais e econômicas mais estreitas com outras nações da Ásia-Pacífico e participação ativa na promoção da cooperação econômica multilateral da região - as nações da Ásia-Pacífico agora são os mais importantes parceiros comerciais da China. Em 1991, o volume comercial com as principais economias dessa região atingiu 76% do total do comércio externo do país. Em 1992, investimentos da Ásia-Pacífico representaram 95% do capital externo investido na China. A China é um membro dinâmico da Associação para Cooperação na Ásia-Pacífico (APEC), a qual deu forte apoio e adotou uma participação ativa em outras atividades direcionadas para uma cooperação econômica enérgica na Ásia-Pacífico. A China também expressou um vigoroso apoio ao conceito de Cooperação Econômica da Ásia Oriental (EAEC) proposto pela Malásia, além de outras formas de cooperação econômica sub-regional. A China sustenta que a cooperação econômica regional deve seguir os princípios de respeito mútuo, igualdade, mútuo benefício, abertura mútua e prosperidade comum. Em relação ao método concreto, a cooperação econômica deve provir do que é específico, das verdadeiras condições locais, ordenadamente e passo a passo, em uma maneira multiforme, com várias ordens e canais, combinando trabalhos de equipes em nível bilateral e

multilateral, a fim de que se criem, continuamente, novas situações para o desenvolvimento econômico da região.

Construção de uma nova ordem, pacífica, estável, justa e racional na Ásia-Pacífico, assumindo a liderança e a oposição a hegemonias e à política de persuasão - na conjuntura atual de grandes transformações, a maneira como o Mundo evoluirá dependerá, em grande medida, do tipo de nova ordem que a China construirá. Desde o princípio, a China tem advogado a construção de uma nova ordem política e econômica mundial sob a base dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica. Esses cinco princípios foram formulados, inicialmente, por três países asiáticos e ampliados para 10 princípios na Primeira Conferência Afro-Asiática de Bandung, na Indonésia em 1955. Desde então, esses princípios receberam amplo apoio da comunidade internacional. Se todas as nações da Ásia-Pacífico observassem esses princípios, as soluções para várias disputas e contradições na região poderiam ser obtidas sem grande dificuldade.

A China não persegue hegemonia ou uma esfera de influência na Ásia-Pacífico e opõe-se à busca de hegemonia e de indulgência à política de persuasão por qualquer outro país. Ela acredita que hegemonia e interesses políticos são as causas originais da guerra e que, somente se opondo a elas, a paz e a estabilidade regionais podem ser resguardadas.

Busca de solução pacífica para as disputas de territórios, fronteiras e outros problemas mediante negociação e oposição ao uso da força ou da ameaça - seguindo essa política, a China alcançou acordos nas questões de fronteiras com a maioria dos países vizinhos mediante negociação. Contínuas negociações foram realizadas com paciência e numa atmosfera amigável naquelas questões fronteiriças sobre as quais já foi alcançado um acordo.

A China tomará a mesma posição na disputa sobre a soberania das Ilhas Nansha (ou Spratlis)³. Um material histórico abundante comprova a evidência do fato de que o povo chinês foi quem primeiro descobriu e explorou as Ilhas Nansha, desde tempos antigos. O Governo chinês considera as Ilhas Nansha como parte de seu território há muito tempo, formalmente criou o Escritório de Administração de Nansha em 1946 e estacionou tropas na ilha de Taiping a

³ Observação do tradutor.

maior entre as Ilhas Nansha. Desde então, nenhum habitante jamais viveu nas ilhas, à exceção de pescadores chineses que lá viveram durante a estação de pesca. As medidas do Governo chinês já mencionadas são evidências suficientes para mostrar que a China estabeleceu há muito sua soberania sobre as Ilhas Nansha. É completamente contrário aos fatos se pronunciar como se as Nansha fossem ilhas recentemente descobertas, que não teriam pertencido a nenhum país anteriormente. Apesar dessas afirmações infundadas, desde o princípio a China adotou uma atitude de restringir com relutância o recurso do uso da força, mesmo depois de alguns países vizinhos ocuparem um certo número de ilhas em Nansha desde a década de 70. Na visão chinesa, negociações podem ser realizadas para resolver disputas territoriais, quando as condições forem oportunas para assim agir; caso contrário, as disputas podem ser postas de lado no momento. A posição chinesa de “desenvolvimento comum abandonando temporariamente as disputas” recebeu resposta favorável dos países interessados. É desejo da China que as negociações sobre a Questão Nansha possam ser realizadas com os países pertinentes num futuro próximo.

Desarmamento e controle de armas de acordo com princípios justos e racionais e na base do equilíbrio, oposição à corrida armamentista e prevenção da proliferação nuclear - a China manteve suas despesas militares num nível muito baixo, muito mais baixo do que qualquer outra grande potência. Em 1993, os gastos militares da China somavam 43,2 bilhões RMB Yuan (aproximadamente US\$ 7,4 bilhões) ou 1,6% do PNB, enquanto o montante correspondente ao Japão era de US\$ 37,73 bilhões, o da Grã-Bretanha, da França e da Alemanha, mais de US\$ 30 bilhões, e o dos Estados Unidos, mais de US\$ 274,3 bilhões. Quando ajustado à inflação, o orçamento de defesa da China de 1994 aproxima-se de pouco mais de US\$ 6 bilhões.

A questão nuclear da Península da Coreia tornou-se o tema do dia na Ásia-Pacífico desde o último ano (1993)⁴. A China defende a simultânea prevenção da proliferação nuclear e a manutenção da paz e da estabilidade na Península, pois ambas são indispensáveis. Somente mediante negociações, a questão pode ser solucionada. A presente estrutura quadrangular

⁴ Observação do tradutor.

do diálogo trilateral pode ser um canal efetivo para uma solução, e as conversações em alto nível entre Estados Unidos e República Democrática Popular da Coréia constituem o elo crucial. A China opõe-se resolutamente a pressões ou sanções. Tal comportamento turbulento somente conduzirá a questão para um beco sem saída.

Acredito que a política chinesa é benéfica para a paz e o desenvolvimento da Ásia-Pacífico. Uma nova era ainda mais brilhante para a região da Ásia-Pacífico está surgindo. Vamos unir as mãos para saudar sua breve chegada.